

Guerra Fria em Gotham City: uma análise de O CAVALEIRO DAS TREVAS, de Frank Miller

Dilton Cândido Santos Maynard¹

Diego Leonardo Santana Silva²

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar como elementos do conflito ideológico e propagandístico norte-americano da Guerra Fria aparecem na História em Quadrinho (HQ) intitulada *O Cavaleiro das Trevas*, de Frank Miller, lançada em 1986. À medida em que boa parte da segunda metade do século XX foi influenciada direta ou indiretamente pela Guerra Fria, torna-se previsível que manifestações culturais e artísticas também carregassem em si representações desse conflito. Nisso, filmes, séries de TV, livros e HQ contaram com estórias que ilustraram personagens e acontecimentos que remetem a eventos do conflito entre americanos e soviéticos. Acreditamos que *O Cavaleiro das Trevas* é uma fonte valiosa para estudos desse tipo. A trama mistura elementos tradicionais das HQ estando repleta de heróis alienígenas, vigilantes, alta tecnologia, com conflitos extremamente mascarados humanos e farpas à sociedade americana dos anos 80, sobretudo à classe política.

Palavras-chave: Batman; DC Comics; Guerra Fria; História em Quadrinhos; O Cavaleiro das Trevas.

¹ Doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco. Professor Associado do Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe. Atualmente é Pró-Reitor de Graduação da Universidade Federal de Sergipe, Brasil. Integrante do Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET/UFS/CNPq Bolsas de produtivo do CNPq/Brasil. E-mail: dilton@getempo.org

² Doutor em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC/UFRJ). Mestre em Educação e Graduado em História pela Universidade Federal de Sergipe. Integrante do Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET/UFS/CNPq). E-mail: diego@getempo.org

GUERRA FRIA EM GOTHAM CITY: UMA ANÁLISE DE O CAVALEIRO DAS
TREVAS, DE FRANK MILLER
MAYNARD, D. C. S.
SILVA, D. L. S.

Cold War in Gotham City: an analysis of The Dark Knight Returns, by Frank Miller

Abstract: This article aims to analyze how elements of the North American ideological and propagandistic conflict of the Cold War appear in the Comic Book (HQ) entitled *The Dark Knight Returns*, by Frank Miller, released in 1986. Of the 20th century was directly or indirectly influenced by the Cold War, it is predictable that cultural and artistic manifestations also carried in themselves representations of this conflict. In this regard, films, TV series, books and comics featured stories that illustrated characters and events that refer to events in the conflict between the Americans and the Soviets. We believe that *The Dark Knight Returns* is a valuable source for studies of this type. The plot mixes traditional elements of comics, being full of alien heroes, vigilantes, high technology, with extremely masked human conflicts and barbs to the American society of the 80s, especially to the political class.

Keywords: Batman; Cold War; Comic Books; DC Comics; *The Dark Knight Returns*

Introdução

Em 2019 Batman completou 80 anos. Mais de meio século, portanto. Durante esse tempo, o personagem passou por diferentes fases, altos e baixos. Ainda assim, o homem-morcego apresenta uma perenidade significativa na cultura de massa mundial: bonecos de plástico, filmes, séries, camisetas, bonés, jogos de videogames, cadernos escolares, entre outros, são alguns dos produtos postos à venda sob a marca do destemido Campeão de Gotham City. As produções derivadas das revistas em quadrinhos geram receitas na casa das centenas de milhões de dólares como no caso do mais recente filme *The Batman*, lançado em 2022, que superou a barreira dos 700 milhões de dólares em bilheteria.^I As histórias em quadrinhos (HQ) são a força-motriz do marketing que o Cavaleiro das Trevas encerra.

Em países como os EUA e o Canadá, as HQs possuem um mercado respeitável. São diversas empresas envolvidas na publicação das revistas que variam no formato, qualidade e preço. Para termos ideia, segundo dados da *Comichron*, em 2021, a arrecadação mensal com os HQ e seus subprodutos nos Estados Unidos atingiu a faixa de \$2.075 bilhões.^{II} Também são comuns as realizações de feiras e exposições, bem como o direcionamento de cursos universitários para este mercado como a famosa San Diego Comic-Con nos EUA ou a brasileira CCXP, realizada anualmente em São Paulo. Deste modo, não é raridade encontrar um roteirista de cinema preparando material para HQ ou vice-versa.

Além de um mercado bilionário, as HQ possuem uma história secular e contribuíram para a o conceito de super-herói se adaptasse aos novos públicos e desafios de cada época^{III}. No período conhecido como a Era Moderna dos quadrinhos, que vai de 1980 aos dias atuais^{IV,V} autores como Alan Moore (RU, 1953-

) e Frank Miller (EUA, 1957-) tinham uma visão de HQ que ia além do entretenimento. Para eles, os quadrinhos poderiam ser uma forma de literatura gráfica que dialogasse com temas complexos^{vi}. Nisso, histórias como *Watchmen* de Allan Moore (1986-1987) ganharam um ar problematizador e levaram seu leitor a encontrar críticas ao governo, a ideia de vigilante em histórias inseridas no cenário de Guerra Fria.

A Guerra Fria compreendeu um período de confronto ideológico entre as duas superpotências emergentes no pós-1945: os Estados Unidos da América (EUA) e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). A vasta historiografia sobre o tema contemplada com trabalhos de autores como Eric Hobsbawm (1917-2012) e Fred Halliday (1946-2010), e costuma apresentar a Guerra Fria como um período heterogêneo, organizado em fases nas quais as tensões entre as grandes potências oscilavam em intensidade.

Sidnei Munhoz nos explica que, na concepção de Halliday, a temporalidade da Guerra Fria poderia ser organizada da seguinte maneira: Primeira Guerra Fria de 1946-1953, marcada por tensões e acirramento de ânimos; o período de antagonismo oscilatório de 1953 a 1969; a *détente* de 1969 a 1979 e a Segunda Guerra Fria, que ocorreu de 1979 a 1991^{vii}. Nisso, a Segunda Guerra Fria foi marcada pelo rompimento de relações entre os americanos e soviéticos com cuidados visando se proteger de um possível ataque inimigo.^{viii}

Neste cenário, a iminência de um apocalipse atômico e a possível chuva de mísseis nucleares pareciam momentos não muito distantes a milhões de pessoas. O conflito foi sorrateiro no que diz respeito ao seu aspecto militar. Se houve atritos, estes foram escamoteados e manifestaram-se em zonas de influência. Jamais os próprios territórios da URSS ou EUA foram tocados. Todavia, no aspecto cultural, a Guerra Fria foi abertamente deflagrada.

A Guerra Fria abarcou diversos e interessantes espetáculos propagandísticos. Neles, a “demonização” do outro era a norma. Assim, dos russos vinham os desfiles militares, com ogivas de todos os tamanhos, exércitos simétricos, além de um extenso e vasto material doutrinário, distribuído nos já mencionados países periféricos.

Os EUA não ficaram para trás. E os meios não foram muitos distintos da URSS. A demonização dos soviéticos recebeu destaques por todos os meios possíveis: seriados de televisão; filmes de Hollywood; músicas; magazines semanais; revistas em quadrinhos. Entre tais produções, uma revista em particular, entre tantas outras possíveis, chama a atenção pelo sucesso editorial obtido. Acreditamos que a minissérie organizada em 4 capítulos lançados entre fevereiro e junho de 1986 e intitulada *O Cavaleiro das Trevas* (EUA, 1986), de Frank Miller, apresente algumas especificidades que permitem uma análise das manifestações construídas sobre a Guerra Fria neste tipo de canal da comunicação.

A revista é um marco na história das HQ mundiais. Lançada no período final da Guerra Fria, *O Cavaleiro das Trevas* obteve imenso sucesso. Tendo sido uma HQ pioneira que dialogou com um público erudito obtendo um sucesso comercial e de crítica, a obra se tornou uma inspiração para produções subsequentes sendo um dos marcos do início da chamada Era Moderna dos quadrinhos.^{IX}

O fascinante universo do Batman é dotado de personagens que vivem em Gotham City. No começo do século XIX, o escritor Washington Irving (1783-1859) cunhou o apelido Gotham para a cidade de Nova York visando satirizá-la em seu jornal chamado *Salmagundi*.^X Os quadrinhos do Batman se apropriaram desse apelido para dar nome a cidade fictícia na qual o cavaleiro das trevas reside. Gotham é uma das mais populosas desse universo e possui um alto índice de

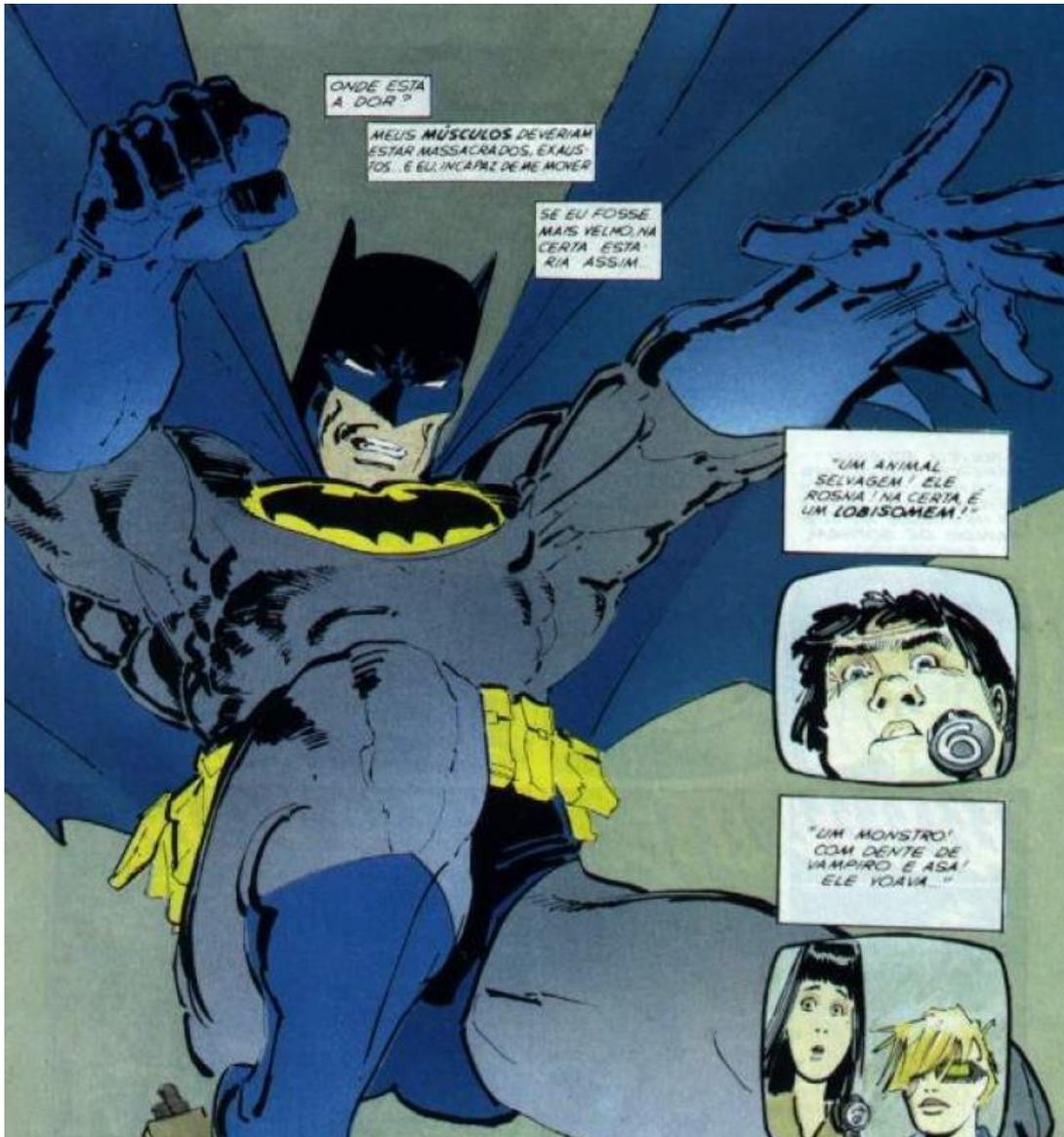
criminalidade, funcionando como uma metáfora de desordem e das contradições que as megalópoles mundiais enfrentam. Desse modo, Gotham é o cenário dessa história e o que ocorre nessa cidade serve como ilustração das consequências que determinadas ações podem acarretar. Em um mundo no qual a Guerra Fria está passando por um momento de tensões, Gotham é influenciada pelo que acontece no conflito.

Sendo assim, esse artigo analisa como a Guerra Fria é apresentada nesse universo a partir de uma análise de *O Cavaleiro das Trevas*. Acreditamos que essa produção é uma fonte valiosa para o estudo da Guerra Fria, principalmente no que diz respeito à apropriação e criação de elementos que representam metaforicamente aquele momento como os vigilantes, alienígenas, alta tecnologia como solução para ameaças externas e demais fatores.

Todavia, não pretendemos apresentar uma reflexão exaustiva. A ideia é mostrar traços básicos para uma reflexão sobre as representações construídas em torno dos fantasmas da Guerra Fria, qual sejam: a bomba, os russos, o “day-after”, correntes numa HQ que, numa linguagem equivocadamente vista como inocente, propõe a construção de arquétipos aos seus leitores. Inicialmente, gostaríamos de apresentar um resumo da obra.

Um breve resumo da obra

Figura 1 - A Aparição do Batman



Fonte: MILLER, Frank. **O Cavaleiro das Trevas**. São Paulo: Editora Abril/DC Comics, 1997. p. 26

No primeiro capítulo da minissérie intitulado *O Retorno do Morcego*, após 10 anos afastado do combate ao crime, Batman (Bruce Wayne) retorna. A cidade de Gotham City encontra-se mergulhada na violência. A gangue denominada

Mutante espalha o terror pelas ruas. Anuncia-se a aposentadoria do comissário James W. Gordon. O ex-vilão *Duas Caras* tem a parte deformada do seu rosto recuperada por uma cirurgia plástica. Contudo, depois das declarações otimistas de seu cirurgião – Herbert Willing – e do psiquiatra Bartolomeu Wolper, o criminoso volta a assombrar Gotham. Batman, após um retorno que espanta a cidade, consegue prendê-lo. Enquanto isso, depois de assistir notícias na TV referentes ao retorno do homem-morcego, o seu arqui-inimigo, o *Coringa*, em estado catatônico há mais de 10 anos, desperta.

Miller opta por um Batman mais velho. Nessa época, Bruce Wayne está com 55 anos e aos poucos as pessoas vão esquecendo que o Batman realmente existiu. Como vemos na Figura 1, a apresentação do Batman na história remete a questionamentos do personagem sobre sua condição e de espanto daqueles que se deparavam com a volta do homem morcego. O Batman, assim como as tensões da Guerra Fria, estava de volta após uma détente e aqueles que não haviam presenciado a sua existência se espantam com o que estava ocorrendo.

Assim como a Segunda Guerra Fria trouxe de volta as tensões de épocas anteriores, a volta do Batman trouxe consigo personagens que estavam adormecidos. Desse modo, o imaginário de um retorno de uma época de acirramento, característica presente em outras produções do período, também está presente em *O Cavaleiro das Trevas*. Ao optar por uma abordagem nesse sentido, Frank Miller contextualiza o personagem dentro desse cenário e introduz a temática em sua obra.

No segundo capítulo da minissérie, intitulado *O Morcego Triunfa*, Surge *Robin* – Carrie Kelly, uma adolescente salva por Batman de um grupo de *Mutantes*. Decidida a ser a *menina-prodígio*, Carrie, com 12 anos de idade, sai à procura de Batman. Enquanto isto, a capitã Ellen Yindel é nomeada para o cargo de

Comissária de Polícia em decorrência da aposentadoria compulsória de Jim Gordon. Imediatamente após a sua posse, Yindel declara guerra ao Batman. Na Casa Branca, o Super-homem é chamado para tratar do assunto Batman. O presidente solicita que o herói intervenha imediatamente, mas sem chamar a atenção da opinião pública.

O Superman agora está a serviço do governo estadunidense e atua principalmente em assuntos externos. Todavia, o retorno do Batman trouxe um grande dilema para Gotham e os EUA já que os vigilantes haviam sumido. Também chama atenção a subserviência do Superman aos interesses do presidente enquanto o Batman atua como um contraponto à ameaça da liberdade individual, que diminui em detrimento do combate a um inimigo externo.

A presença do Superman como uma contraposição do Batman é um clássico dos quadrinhos da DC Comics e ocorre em *O Cavaleiro das Trevas*. O segundo capítulo da minissérie continua esse debate com o psiquiatra Bartolomeu Wolper que acusa Batman de criar marginais (reversos ideológicos que o próprio vigilante combate). Batman trava combate corpo a corpo com líder da gangue mutante e quase morre. É salvo por Robin. O homem-morcego aceita Carrie Kelly como novo Robin. Por isto, revela a ela ser, na verdade, o milionário Bruce Wayne. É descoberta a conexão dos Mutantes com o Exército dos EUA. O Dr. Wolper consegue a liberação do Coringa para participação num *Talk Show*. Batman volta a lutar com o líder mutante, desta vez, diante de toda a gigantesca gangue. Vence o oponente após um combate extremamente violento.

O terceiro capítulo, *A Caça ao Morcego*, traz a chegada do Superman em Gotham para um encontro com o Batman. Cresce a agitação nacional sobre a ação do vigilante mascarado. Em Gotham, Ellen Yindel consegue um mandado de prisão contra Batman. Notifica-se sobre o fim dos diálogos para resolver a questão

da crise entre EUA e URSS na crise da ilha de *Corto Maltese*. A crise se agrava e o Super Homem é chamado a intervir. Num *Talk Show*, o Coringa mata a todos os presentes com o seu gás do riso. Batman luta contra policiais. A TV transmite a crise em Corto Maltese. O alerta vermelho é declarado. Após fugir do prédio da TV, Coringa provoca chacina num parque de diversões. Encurralado por Batman, acerta-lhe um tiro e, em combate corpo a corpo, golpeia diversas vezes o homem-morcego com um canivete. Batman tenta matar o oponente, desiste, mas deixa-o parálítico do pescoço para cima. O Coringa provoca movimentos no pescoço para romper o restante da medula e, morrendo, legar a Batman a fama de assassino. O palhaço homicida morre. Batman, no fundo do “túnel do amor” do parque, está cercado pela polícia.

Por fim, na última parte intitulada *A Queda do Morcego*, Batman escapa da Polícia, resgatado por Robin, no seu helicóptero. Muito ferido, é operado por Alfred, seu mordomo (enfermeiro durante a I Guerra Mundial). A crise de Corto Maltese chega ao ápice. Os russos lançam uma ogiva de grande poder destrutivo. Enviado pelo governo norte-americano, o Super-Homem modifica o curso do míssil, mas o pulso eletromagnético resultante da explosão da bomba é o suficiente para cortar o fluxo de energia elétrica nas cidades. Com o *blackout*, o caos se instala. Batman volta à cena, desta vez apoiado pelos próprios *Mutantes* e pelos *Filhos do Batman*, facção da gangue *Mutante* que passou a combater o crime tal qual o vigilante mascarado. Com a explosão, um inverno se estabelece. Os raios solares são bloqueados. Há mortes em massa e escassez de alimentos. O prestígio de Batman cresce, após colocar Gotham em uma situação de segurança, acabando com saques e dispersando desordeiros, enquanto o Governo é acusado de omissão. Super-Homem é enviado para prender o homem-morcego. Este último simula um ataque cardíaco e “morre” em combate como filho de Krypton. Ao mesmo tempo,

a Mansão Wayne explode, Alfred falece em decorrência de um derrame e as contas bancárias de Bruce Wayne são esvaziadas. Batman decidiu terminar os seus dias incógnito, treinando os muitos discípulos que ganhou para o combate ao crime.

No decorrer das páginas dos seus quatro fascículos, o Cavaleiro das Trevas apresenta algumas situações representativas da época da Guerra Fria. Algumas delas serão exploradas adiante.

O Presidente Cowboy, o país-rancho

Nas produções culturais norte-americanas, a figura do presidente chama atenção. Ele pode ser um modelo, um redentor, um guardião e demais outras qualidades ou críticas que esse cargo representa. Em *O Cavaleiro das Trevas*, o presidente americano é apresentado como um velho decrépito que comemora ao atingir 5 pontos na credibilidade. Adora comparar a nação ao seu rancho, discursa pela TV como quem apresenta um programa de auditório na televisão. As aparições são sempre feitas em vestes lembrando a bandeira dos EUA.

Na verdade, Miller produziu uma caricatura de Ronald Reagan (1911-2004), ator mediano de Hollywood que se tornou presidente. Eric Hobsbawm, num comentário longo, mas que merece atenção, escreveu:

A política de Ronald Reagan, eleito para a Presidência em 1980, só pode ser entendida como uma tentativa de varrer a mancha da humilhação sentida demonstrando a inquestionável supremacia e invulnerabilidade dos EUA, se necessário com gestos de poder militar contra alvos imóveis, como a invasão de pequena ilha caribenha de Granada (1983), o maciço ataque aéreo e naval à Líbia (1986), e a ainda maciça e sem sentido invasão do Panamá.^{XI}

Na minissérie, o presidente mal consegue andar. Porém, distribui medalhas como quem acena para a multidão. Tal qual Reagan o foi nos anos 1970 e 1980, este presidente trata o seu país como o sítio de Camp David, residência n.º 2 do governo americano. À certa altura, o presidente explica para o Super-Homem:

Sabe... sempre gosto de pensar que no meu rancho, em aprendi a maneira certa de governar este país!" (...) Num rancho não há problema nenhum que os cavalos tenham tamanho e cor diferentes! Nenhum... Contando que eles fiquem dentro da cerca. A gente pode até ter um garanhão meio louco quando em vez! Domar o bicho ajuda a treinar a mão... Mas se esse animal dá coice, salta a cerca e ouriça os outros cavalos... Bem isso não é nada bom!."^{xii} (grifos nossos)

Estar dentro da cerca é, para o personagem, agir como o Super-Homem, que conforme a trama passou a obedecer às ordens do alto comando militar dos EUA. O filho de Krypton tornou-se uma arma da Guerra Fria, agindo nos conflitos periféricos. Por isto o presidente explica: "Agora... claro que não estou pedindo pra você arrastar o sujeito aos chutes por curral! Não! Dê só uma amansada na fera! Cavalgue com ele pelo pasto, se necessário". E completa: "Faça o melhor que puder! Seu país está contando com você!" Vem a resposta do Super Homem: "Sim, senhor!". E o elogio do político: "Bom menino!".^{xiii}

A personificação do Superman como algo que somente os Estados Unidos teriam. Ele funciona como uma representação do poder superior americano, algo constantemente utilizado nas produções culturais desse período. Ao modo que a Guerra Fria foi também um conflito ideológico, a disputa pela construção daquilo que os americanos e os soviéticos poderiam oferecer trouxe consigo elementos de futuro, poder bélico, tecnologia e outros elementos.^{xiv} Nesse cenário, o Superman

se torna uma representação do poderio do governo americano e também de redentor e protetor dos EUA.

O aparecimento do Superman é representado em uma página composta por ilustração da Casa Branca e da bandeira americana com o símbolo do homem de aço. Além dos diálogos aqui mencionados, a composição dessa página da HQ merece uma análise mais cuidadosa:

Figura 2 – O Presidente e o Superman



Fonte: MILLER, Frank. **O Cavaleiro das Trevas**. São Paulo: Editora Abril/DC Comics,

1997. p. 75

A cena faz questão de representar a Casa Branca e o diálogo entre o presidente e o Superman é ilustrado com a bandeira americana e o símbolo do homem de aço evidenciando a associação entre ambos. A face dos personagens não é mostrada de modo que o aspecto simbólico se evidencia. O modo sarcástico com que Frank Miller retrata as delimitações do Presidente Cowboy e a subserviência completa do homem de aço indiciam a visão da Guerra Fria como um espetáculo do qual os militares e a Casa Branca já teriam noção da superficialidade das agressões materiais. Por isto, a ênfase no combate propagandístico.

Por outro lado, no Super Homem é possível vislumbrar o discurso da interpretação oficial da diplomacia norte-americana, que via com temor o avanço das reformas sociais nos países socialistas. Neste aspecto, o uso desse personagem não parece ter sido ocasional.

O personagem Super-Homem surgiu em 1929, como um símbolo de todos os desejos norte-americanos. Em 1938, ele chegou às bancas e se tornaria um dos mais bem sucedidos personagens das HQ. Ao longo das décadas, o personagem foi usado para vários fins desde incentivar o alistamento militar, a doar sangue e mesmo guardar selos. Seu poder simbólico acabou sendo explorado em momentos de guerra. Durante a Segunda Guerra Mundial, os quadrinhos do Superman chegaram a vender mais de 25 milhões de cópias e suas revistas HQ chegaram até a ser enviadas a soldados.^{xv}

Na obra de Miller, o Superman ganha o tom mais burocrático e de obediência ao governo com o Batman sendo apresentado como antítese da burocracia e das práticas políticas típicas da Guerra Fria. Isso parece ter como objetivo evidenciar os perigos que os jogos propagandísticos legavam à sociedade norte-americana. Uma sociedade belicista, extremamente

determinada pelo *mass media*, xenófoba e preconceituosa. Na trama, o típico *Yuppie* da década de 80, em meio ao caos provocado pelo pulso eletromagnético derivado da ogiva russa, critica um policial por ter perdido a vida na tentativa de salvar uma japonesa num fusca. Emerge sutilmente um demônio: o japonês, como o outro, marcado como traiçoeiro sobretudo desde Pearl Harbour. O nipônico era também aquele que, nos anos 80 havia posto a indústria automobilística americana de joelhos.

A barbárie e alucinação se intensificam. Surge também um negro que deseja ver *gays* sendo espancados pelo Batman, um padre que se envolve com um grupo de saqueadores durante o *blackout* trazido pelo *pulso*. Sobretudo nas últimas duas partes, Miller acentua o seguinte itinerário: homens comuns, embalados pelo estresse atômico, tornam-se bárbaros. O próprio Batman é apresentado como um neurótico. Mas, conforme o argumento de Miller, em Gotham numa hecatombe nuclear, quem não é? Há até mesmo uma gangue de assaltante chamada "Nixons".

Figura 3 – O presidente domando as feras



Fonte: MILLER, Frank. **O Cavaleiro das Trevas**. São Paulo: Editora Abril/DC Comics, 1997. p. 175

Na Figura 3, temos um exemplo de como os diferentes núcleos da trama se entrelaçam em uma mesma página. Enquanto Bruce Wayne está observando sua Robin aprendendo a cavalgar enquanto organiza uma resistência à desordem causada pelo pulso eletromagnético, o noticiário apresenta o caos existente nos Estados Unidos. Por sua vez, o presidente cowboy surge para “domar” estas feras. Sempre com a ajuda dos *media*. É desta forma que após toda a anarquia e destruição enfrentadas pelas cidades americanas, vítimas do *apagão* que o pulso trouxe, o líder da nação declara: “nada que a gente não possa resolver, pessoal! Nós ainda somos a América...E eu ainda sou o presidente!”.^{xvi}

Como explica Hobsbawm, a cruzada norte-americana contra o “Império do mal” compreendeu uma empreitada do presidente Reagan destinada a “agir mais como terapia para os EUA do que como uma tentativa prática de reestabelecer o equilíbrio de poder mundial”.^{xvii} É justamente o que parece motivar o nosso “presidente cowboy”: um combate propagandístico, provocações numa guerra que, tacitamente, sabíamos que não ocorreria.

A guerra nunca aconteceria, e todos sabiam disto

A Guerra Fria foi um evento dotado de significado. Suas causas e os objetivos dos principais atores são fruto de interpretações. Dentro disso, um ponto em comum é o fato de que ambas as potências atribuíam a hostilidade à outra e suas ações como sendo sempre defensivas. Assim sendo, nas produções norte-americanas, os EUA reagem aos agressores soviéticos, buscam a paz e estão preparados para enfrentar qualquer ameaça.

Contudo, a Guerra Fria também foi um conflito que, com o tempo, sobretudo após a chegada dos russos ao potencial atômico, selou um acordo tácito de não-agressão nuclear. Ou seja, ainda que houvesse ameaças, conflitos em regiões como Vietnã, Coréia e África, a maioria das pessoas sabia – ou ao menos apegava-se à esperança – que os mísseis não seriam lançados. Havia a crença de que um conflito nuclear representaria um apocalipse. Portanto, ninguém iria apertar o gatilho embora ambos os países se armassem e quisessem transparecer a ideia de que isso poderia ocorrer.

Como explica Eric Hobsbawm, o mundo viveu, desde as explosões em Hiroshima e Nagasaki, por quarenta anos sob a possibilidade diária de um “suicídio da civilização”: “Gerações inteiras se criaram à sombra de batalhas nucleares globais que, acreditava-se firmemente, podiam estourar a qualquer momento, e

devastar a humanidade".^{xviii} Desse modo, não é difícil conceber que o imaginário quanto a questão nuclear também estivesse ilustrado nas produções culturais.

Em *O Cavaleiro das Trevas*, as tensões entre EUA e URSS em suas esferas de influência partiram para o uso do potencial atômico. A questão baseava-se na limitação dos possíveis confrontos a espaços tidos por áreas de influência dos dois blocos. Porém, o armagedon de fato, a tempestade de mísseis nucleares, era quase que previsível, não ocorreria. Novamente recorrendo a Hobsbawm, é conveniente lembrar que *"a Guerra Fria baseava-se numa crença ocidental, retrospectivamente absurda mas bastante natural após a Segunda Guerra Mundial, de que a Era da Catástrofe não chegara de modo algum ao fim (...)".*^{xix}

Assim sendo, a luta era deslocada para pontos periféricos. Era nestes locais, nestes territórios sob a influência dos EUA ou da URSS que conflitos se desenrolavam. Um dos momentos de maior tensão entre EUA e URSS foi durante a Crise dos Mísseis de Cuba, em 1962. Ao colocar mísseis na ilha governada por Fidel Castro, os soviéticos fixaram um alvo próximo aos Estados Unidos. Após dias de tensão, os soviéticos retiraram os mísseis de Cuba e um possível conflito nuclear foi evitado.

E o exemplo dado em *Cavaleiro das Trevas*, com a região de Corto Maltese, merece algumas considerações.

A crise de Corto Maltese

No universo da DC Comics e na minissérie aqui analisada, a ilha de Corto Maltese merece atenção especial devido ao que ela representa. Essa ilha é um país que estaria localizado na América do Sul. O governo da ilha era apoiado pelos americanos e acabou sendo derrubado por rebeldes ajudados pelos soviéticos.

Na verdade, é uma referência aos diversos pontos de influência norte-americanos ou russos. A ilha é o ponto de discórdia entre os soviéticos, que requisitam a saída das forças americanas bem como o fim do apoio ao ditador que governa a ilha (o General *Montalban*) enquanto os EUA afirmam estar no país em nome da liberdade.

A intriga pelo território aparece, pela primeira vez em *O Morcego Triunfa* (v. 2), segunda parte da história. E gradativamente ocupa mais espaço na mídia da trama:

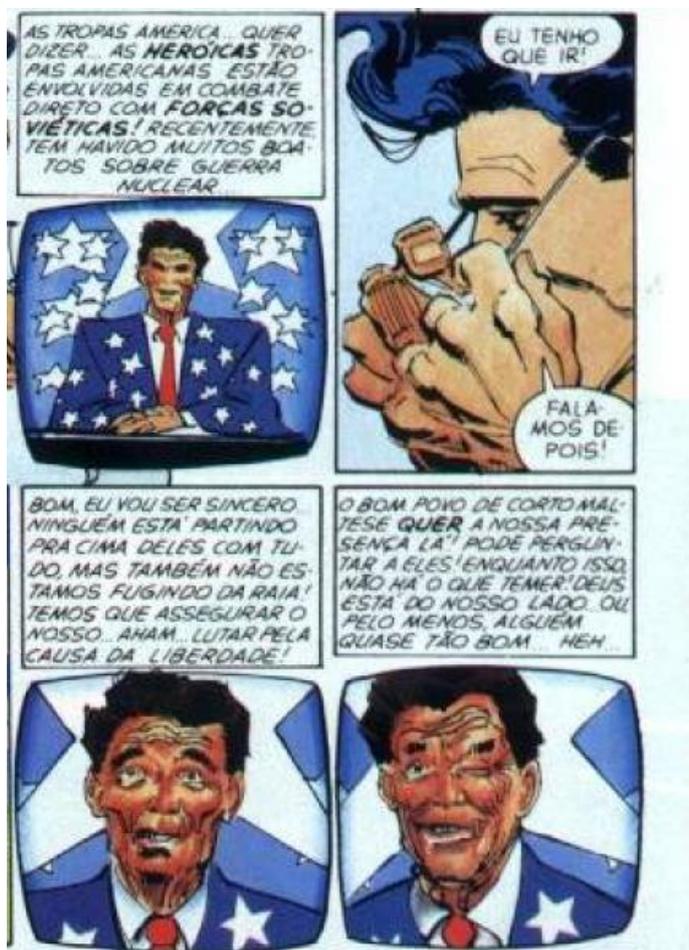
“Apesar do crescente número de armamentos soviéticos em águas de Corto Maltese, o presidente prometeu que a América não será a primeira a empregar ogivas nucleares...”^{XX}

Percebe-se na citação acima a ênfase no fato de que o emprego das armas nucleares por parte dos norte-americanos só ocorreria de maneira reativa. O que reforça o discurso do agressor soviético e dos Estados Unidos defensivos. Todavia, o discurso defensivo não poderia ser confundido com passividade. Por isso, o presidente americano declara:

“As tropas americanas... quer dizer... as heroicas tropas americanas estão envolvidas em combate direto com forças soviéticas! (...) Bom, eu vou ser sincero... ninguém está partindo para cima deles com tudo, mas também não estamos fugindo da raia! Temos que assegurar o nosso... aham... lutar pela causa da liberdade! O bom povo de Corto Maltese quer a nossa presença lá! pode perguntar a eles!”^{XXI}

O discurso traz uma conotação heroica às tropas de seu país e serve como gatilho para a ação dos atores de proteção aos norte-americanos. Ao retratar o crescimento das tensões em Corto Maltese, Miller traz uma composição de cenas na HQ que ilustram o presidente discursando e Clark Kent atento àquela situação conforme podemos observar na imagem adiante:

Figura 4: O Discurso do Presidente Americano



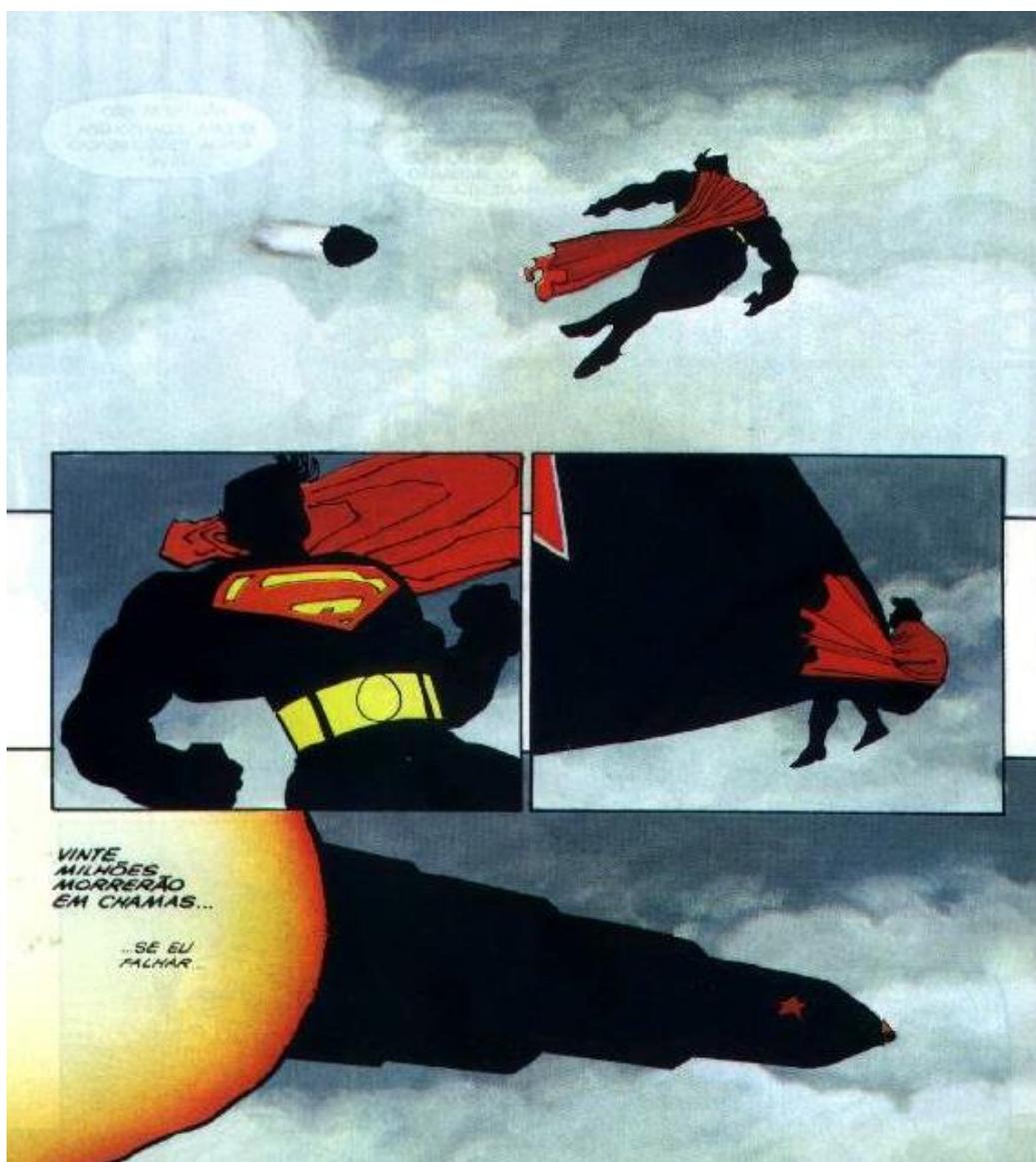
Fonte: MILLER, Frank. **O Cavaleiro das Trevas**. São Paulo: Editora Abril/DC Comics, 1997. p. 109.

A construção dos quadros da HQ demonstra o presidente discursando e o Superman atento a essa fala. Depois disso, Clark Kent afirma que tem que ir em sua missão. A atuação externa do Superman é representada na minissérie quando ele intervém na crise da Ilha de Corto Maltese. A região é palco de conflitos encarniçados entre forças norte-americanas (auxiliadas pelo escoteiro azulão, o Super-Homem). Como a provocar a curiosidade do leitor, Corto Maltese, embora muito citada, aparece somente como um ponto no mapa e, numa ou outra ocasião, em quadros repletos de militares. Em contraste com isto, está a Casa

Branca: reluzente, com belos jardins, um presidente que, embora patético, é sorridente.

A situação política em Corto Maltese acaba saindo do controle e, após a derrota, os soviéticos decidem atacar a ilha. Nesse momento, vemos o Superman em ação usando seu poder para deter o ataque:

Figura 5: O Superman detém o ataque soviético



Fonte: MILLER, Frank. **O Cavaleiro das Trevas**. São Paulo: Editora Abril/DC Comics, 1997. p. 153.

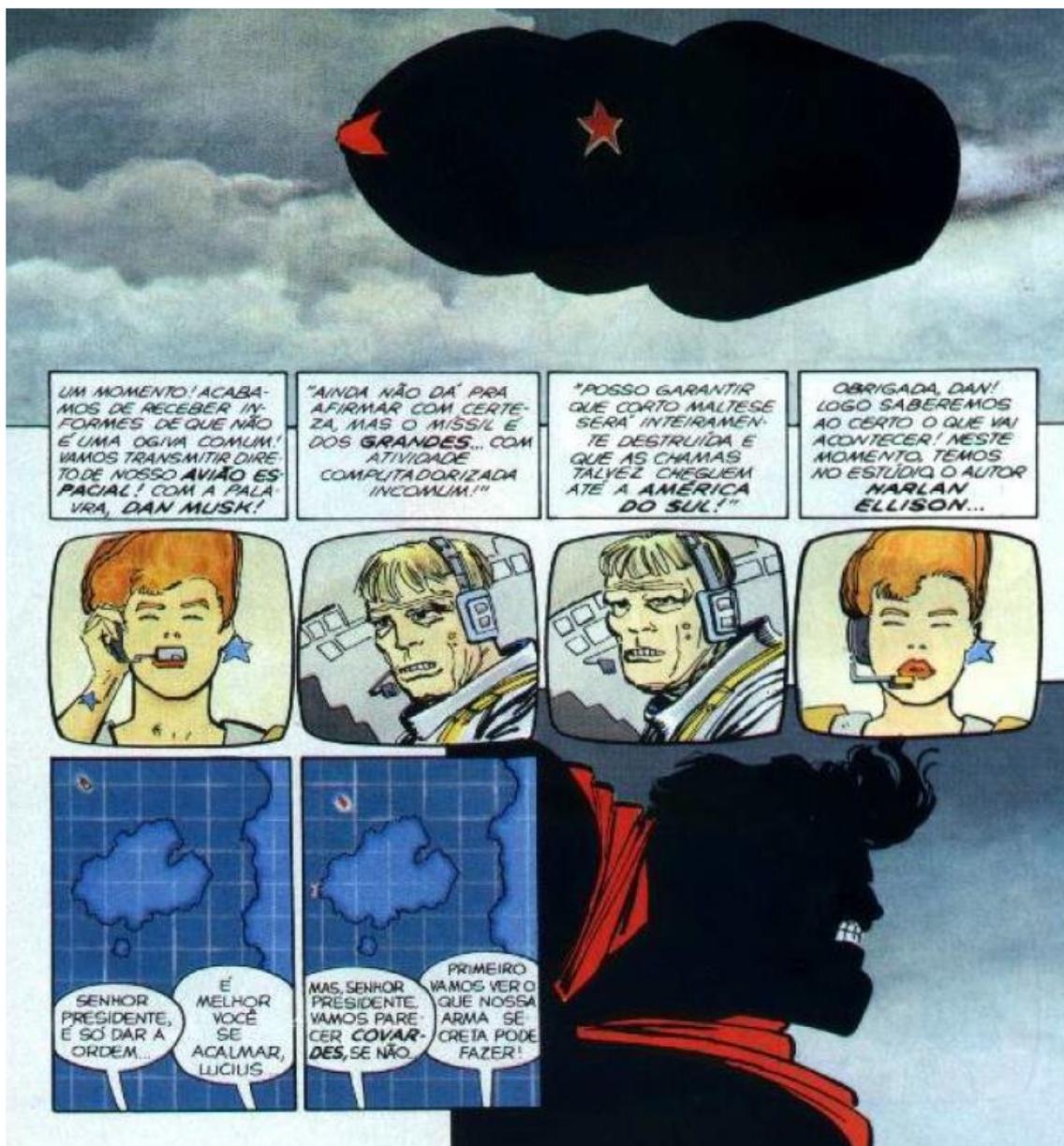
É válido ressaltar que na construção da imagem, o Superman está com toda sua silhueta em preto e somente seus símbolos - capa, cinto e emblema no peito - estão à mostra, o que também ocorre com a bomba nuclear soviética retratada como um objeto totalmente preto com uma estrela vermelha. Desse modo, a representação simbólica do ato iguala seus atores em estilo.

Outro elemento a se observar é como Miller faz a construção das cenas. Primeiro o Superman avista o objeto, depois ele é retratado com toda sua imponência e de peito aberto como quem não está com medo do que está por vir. Adiante ele se coloca à frente da bomba nuclear para, em seguida, travar um duelo contra ela ressaltando que: “vinte milhões morrerão em chamas... se eu falhar”.^{XXII}

A tensão continua nas páginas a seguir, dessa vez com um telejornal transmitindo o ocorrido. O recurso das notícias é utilizado por Miller para introduzir temas externos dentro da narrativa principal. Nisso, vemos como tais acontecimentos influenciam os personagens, sendo esses importantes para justificar determinadas ações como sendo consequências daquilo que ocorreu. Desse modo, os eventos gerais da Guerra Fria são demonstrados como algo com potencial de influenciar diretamente a vida de todas as pessoas.

Na figura adiante vemos como a construção de cenas nesse sentido ocorre:

Figura 6: O ataque nuclear soviético em tempo real



Fonte: MILLER, Frank. **O Cavaleiro das Trevas**. São Paulo: Editora Abril/DC Comics, 1997. p. 154.

O noticiário ressalta o poder destrutivo da bomba. Em meio a isso, é mostrado o presidente sendo chamado a agir. Mas, como demonstrado em toda minissérie, os EUA se defendem e só irão atacar em último caso. Primeiro, eles irão observar o que o Superman é capaz de fazer e somente em caso de fracasso irão

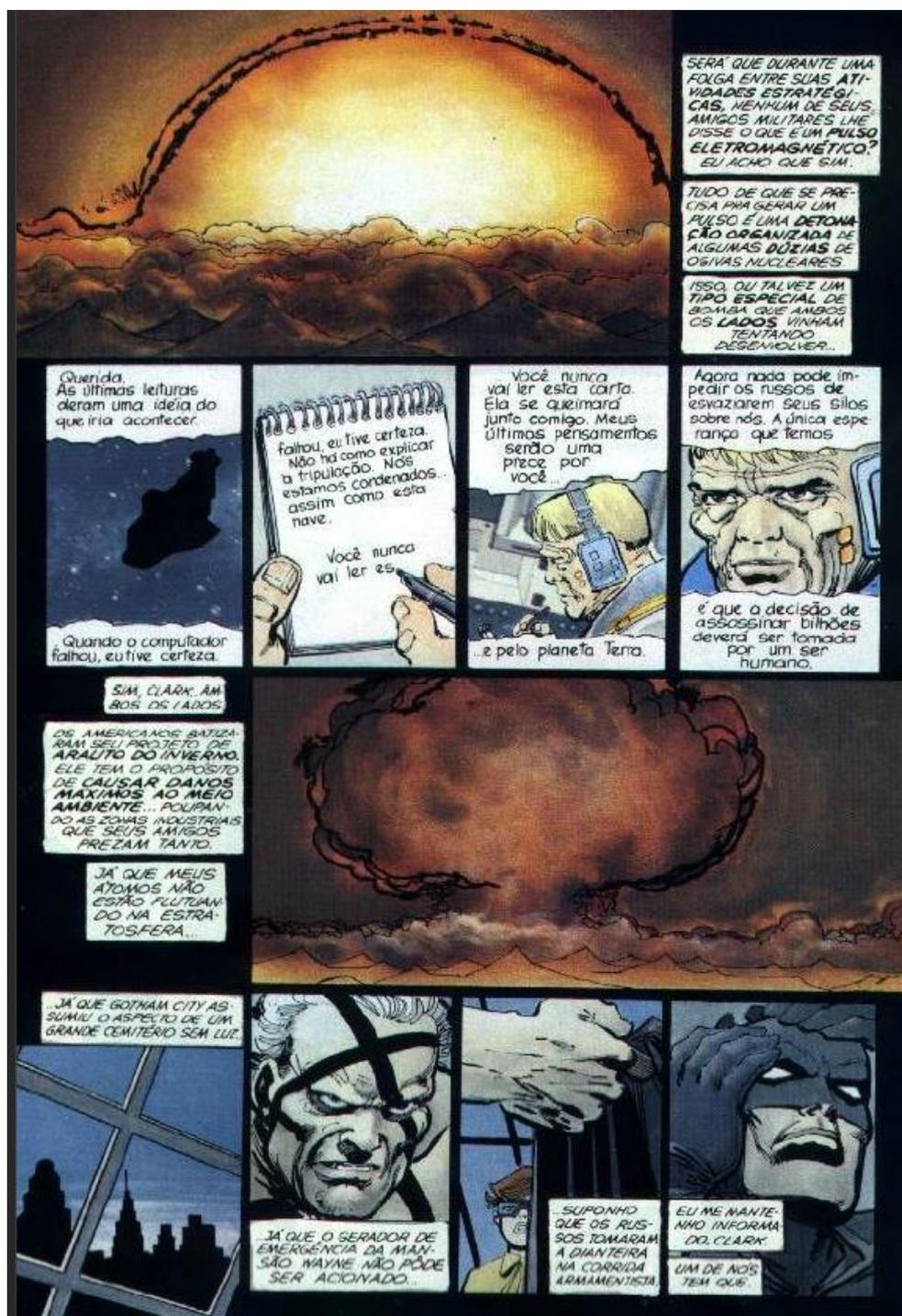
para o ataque. É válido ressaltar também que na crise de Corto Maltese, os Estados Unidos salvam um outro país o que demonstra sua capacidade de proteger os seus aliados.

A Guerra Fria encheu o mundo de armas numa quantidade assombrosa, inesperada. Territórios como o de Corto Maltese serviram como mercados para a comercialização deste material: “economias militarizadas, e de qualquer modo com enormes e influentes complexos industrial-militares, tinham interesse econômicos em vender seus produtos no exterior”.^{XXIII}

Além da bomba nuclear, outras ameaças pairavam durante a Guerra Fria. Na minissérie, Miller também retrata os possíveis efeitos climáticos provocados pelo arauto do inverno, projeto americano com o propósito de causar danos maximizados ao meio ambiente, poupando regiões industriais. Na saga, uma versão soviética do *arauto do inverno* castiga os EUA. Assim sendo, em pleno verão, neva em Gotham City: “a explosão da bomba lançou centenas de milhões de toneladas de fuligem na estratosfera (...) criando uma nuvem negra que recobre todas as Américas, bloqueando o sol!”

No momento de crise, Bruce Wayne coloca a máscara e o Batman assume a dianteira como o guardião de Gotham, se aliando aos Mutantes e àqueles que desejavam impedir que o caos tomasse conta da cidade.

Figura 7: O pulso eletromagnético e seu poder destrutivo



Fonte: MILLER, Frank. **O Cavaleiro das Trevas**. São Paulo: Editora Abril/DC Comics, 1997. p. 157.

A construção das cenas representadas na figura anterior retrata os efeitos iniciais do pulso eletromagnético, Miller demonstra como isso pode ser trágico para as pessoas comuns. Um piloto de avião tenta escrever um último bilhete e Gotham vira “um grande cemitério sem luz”.^{XXIV}

Esta espera pelo conflito acabava gerando diversas representações sobre como seria tal momento (a própria história em quadrinhos aqui analisada é um exemplo disto). E as perspectivas convergiam para a gestação do caos. Miller retrata a explosão, a histeria coletiva ocasionada pelo blecaute em Gotham City e pelas notícias sobre guerra nuclear. Para tanto, utiliza-se diversos personagens. Um deles é o comissário Gordon, policial aposentado quando estoura a crise. Alguns momentos do caos social na perspectiva do velho chefe de polícia:

“todos estão correndo! Eu estou chorando, mas é por causa da fumaça! Fumaça... que ironia (...) Algo explode... No meu quartirão! Um cano de gás! (...) Não estou vendo Sarah! Não dá pra dizer se esta viva ou... Estou correndo de um lado pro outro como o resto da multidão em pânico! Isso é inútil! Eu começo a dar ordens! Uma mulher idosa ri de mim! Ninguém escuta! Estão todos enlouquecidos... como se fosse o fim do mundo!”^{XXV}

Por fim, Miller mais uma vez usa o recurso da reportagem em cena. Dessa vez para descrever o que seria o Arauto de Inverno e quais as suas consequências. Ele enfatiza que isso seria uma invenção soviética e gerou um pulso eletromagnético que paralisou tudo. O pulso seria apenas o começo. Além dos dispositivos eletrônicos, o clima também havia mudado drasticamente criando uma nuvem negra na estratosfera e bloqueando o sol:

Figura 8 – O Arauto do Inverno e Suas Consequências



Fonte: MILLER, Frank. **O Cavaleiro das Trevas**. São Paulo: Editora Abril/DC Comics, 1997. p. 174.

Percebemos um presidente envelhecido e frágil em meio a vários questionamentos enquanto a apresentadora do noticiário possui uma expressão de aflição e medo. Para controlar a situação, o presidente declara Lei Marcial em Gotham e envia o Superman para que ele e o homem morcego finalmente se enfrentem em um dos confrontos mais simbólicos de todas as HQ:

Figura 9 – Batman x Superman



Fonte: MILLER, Frank. **O Cavaleiro das Trevas**. São Paulo: Editora Abril/DC Comics, 1997. p. 179.

A cena do início da batalha entre o Batman e o Superman traz noite e neve. No caso, um cenário mais favorável ao Batman. O homem de aço desce dos céus tendo mais uma vez seu corpo escurecido e, dessa vez, apenas sua capa aparece. O Batman tinha um plano para o confronto e demonstrou estar preparado para enfrentar o Superman explorando os pontos fracos do kryptoniano.

O Batman contesta o fato de o Superman dizer sim a qualquer um com um distintivo ou uma bandeira. Nas páginas adiante o Batman consegue sucesso no duelo, embora tenha que "morrer" para obter sucesso. Após simular um infarto e ser enterrado, o Batman desperta, o Superman percebe e deixa-o em paz para que ele possa seguir seu caminho.

Conclusão

O *Cavaleiro das Trevas* é uma fonte para o estudo da Guerra Fria. A trama mistura as tradicionais HQ repletas de heróis alienígenas, vigilantes, alta tecnologia, com conflitos extremamente mascarados humanos e farpas à sociedade americana dos anos 80, sobretudo à classe política.

Destinada a revitalizar a figura do Batman no mercado norte-americano, a série superou as expectativas, se tornando um clássico republicado até os dias atuais. Não só porque Frank Miller trouxe de volta o lado mais curioso do Homem-Morcego, presente em sua proposta de criação em 1939. Isto é, o seu aspecto sombrio, noturno, marcadamente humano. Diferente do *Super-Homem*, da *Mulher-Maravilha*, do *Hulk*, do *Mandrake*, Batman é um homem comum. Com acertos e falhas e, como não poderia deixar de se esperar de alguém que usa capa e máscara, seriamente perturbado psicologicamente.

A série apresenta grande riqueza em personagens coadjuvantes, como o comissário Gordon e outros ilustres desconhecidos no mundo dos quadrinhos.

Através destes personagens, Miller explora a influência e o ambiente neurótico criado pela Guerra Fria. Um conflito cotidiano, um perigo sibilado por TV e rádio durante anos que, felizmente, jamais se concretizou.

O *Cavaleiro das Trevas* apresenta situações típicas da Guerra Fria. Algumas delas foram exploradas neste pequeno trabalho: a caricatura de Reagan, a convivência com a iminência do conflito e a questão das regiões de influência.

Eis uma curiosa fonte para observar representações da Guerra Fria: os quadrinhos. Ainda está por se produzir uma reflexão sobre as inúmeras HQ produzidas nos anos de Guerra Fria, sobretudo nos EUA. Dentre as centenas possíveis, *O Cavaleiro das Trevas*, pela destreza e acidez um que foi concebida, merece destaque. Um documento de valor histórico para todo aquele que se voltar para o medo dos adolescentes ocidentais nos anos 80.

Notas

^I Para saber mais e consultar dados que são frequentemente atualizados consultar o site especializado: [https://www.the-numbers.com/movie/Batman-The-\(2021\)#tab=summary](https://www.the-numbers.com/movie/Batman-The-(2021)#tab=summary). Acesso em 04 de fev. de 2023

^{II} Para saber mais e consultar dados que são frequentemente atualizados consultar o site especializado: <https://www.comichron.com>. Acesso em 04 de fev. de 2023.

^{III} ROBB, 2017, p. 14

^{IV} ROBB, 2017, p. 15

^V Segundo Bryan J. Robb costuma-se utilizar um recorte de eras para dividir o período histórico dos quadrinhos. A Era de Ouro vai de 1938 aos anos 1950; a Era de Prata vai dos anos 1950 até 1970; a Era de Bronze vai de 1970 até a metade da década de 1980. Por fim, temos a Era Moderna que vai da metade dos anos 1980 aos dias atuais. (JOB, 2017, P. 15)

^{VI} JOB, 2017

^{VII} MUNHOZ, 2004, p. 268

^{VIII} MUNHOZ, 2004, p. 268

^{IX} JOB, 2017, p. 183

^x CORRÊA, Renato. A verdadeira Gotham City. **Revista Galileu**, edição 269, dez. de 2023. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI156885-17773,00-A+VERDADEIRA+GOTHAM+CITY.html>. Acesso em 22 de maio de 2023.

^{xi} HOBBSAWM, 1997, p. 244

^{xii} MILLER, 1997, p. 75

^{xiii} MILLER, 1997, p. 75

^{xiv} BARBROOK, 2009

^{xv} WELDON, 2016

^{xvi} MILLER, 1997, p. 175

^{xvii} HOBBSAWM, op. cit., p. 245

^{xviii} HOBBSAWM, 1995, p. 224

^{xix} HOBBSAWM, op. Cit., p. 228

^{xx} MILLER, 1997, p. 109

^{xxi} MILLER, 1997, p. 109

^{xxii} MILLER, 1997, p. 153

^{xxiii} HOBBSAWM, op. cit, p.250

^{xxiv} MILLER, 1997, p. 157

^{xxv} MILLER, 1997, p. 163/164

Referências Bibliográficas

BARBROOK, Richard. **Futuros imaginários-Das máquinas pensantes à aldeia global**. Editora Peirópolis LTDA, 2009.

HOBBSAWM, Eric. As Artes 1914-45. **Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

JUDT, Tony. **Pós-Guerra. Uma história da Europa desde 1945**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

JUDT, Tony. **Quando Os Fatos Mudam: Ensaios 1995-2010**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2016.

MUNHOZ, Sidnei. Guerra Fria: um debate interpretativo. In: SILVA, Francisco C. T. (org). **O Século Sombrio: uma história geral do século XX**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

MUNHOZ, Sidnei. **Guerra Fria: História e Historiografia**. Curitiba: Editora Appris, 2020

ROBB, Brian J. **A identidade secreta dos super-heróis**: a história e as origens dos maiores sucessos das HQ's: do super-homem aos vingadores. Rio de Janeiro: Valentina, 2017. [Recurso Eletrônico]

WELDON, Glen. **Superman**: uma biografia não autorizada.

Sitiografia

COMICHRON. Site especializado em número de vendas de HQ. Disponível em: <https://www.comichron.com>. Acesso em 04 de fev. de 2023.

REVISTA GALILEU. Revista educacional. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com>. Acesso em 04 de fev. de 2023.

THE NUMBERS, site especializado bilheteria cinematográfica. Disponível em: <https://www.the-numbers.com>. Acesso em 04 de fev. de 2023.

Fonte

MILLER, Frank. **O Cavaleiro das Trevas**. São Paulo: Editora Abril/DC Comics, 1997.